

21 – DIA DAS MÃES

Uberaba, 12 de maio de 1979

Querida Mamãe, a sua bênção em meu coração.

Estou emocionado, recordando aqueles outros dias das Mães em que estávamos visíveis um para o outro. Digo *visíveis* porque juntos continuamos.

Não me veja, porém, saudosista, à maneira de um carro que unicamente conseguisse viajar a marcha-à-ré. Estamos pra-frente, precisamos caminhar.

Por isso, querida Mamãe, aí no seu canto, com a nossa Lu e nossos amigos, receba aqueles votos de tradição.

Felicidades e mais felicidades pra seu coração, junto do nosso querido Pescador, das irmãs queridas e de todos aqueles que são parcelas de nossa vida.

Lembro-me aqui de outros corações maternos e

peço a permissão para registrar o meu reconhecimento.

Muito obrigado à Vó Lourdes, pelos conselhos, acompanhados de bolos que ainda me deixam com água na boca. . .

Muito obrigado à Vó Genoveva pela paciência vigilante, observando a que maneira me encaminhava com as boas companhias.

Muito obrigado à Tia Maura pelas conversações brilhantes em que me encontrava sempre com novos conhecimentos.

Muito obrigado à mana Yolanda pelos pitos no catecismo.

Muito obrigado à mana Rachel pelas boas roupas do Shell em que ela se lembrava do irmão que seguia pra-frente tomando corpo. . .

Muito obrigado à querida irmã Selma, mãezinha de muitos sonhos, pela plantação das saudades que já estão pesando demais.

Muito obrigado à querida Lu, mãezinha de lindas bonecas, pelos bilhetinhos.

Muito obrigado à Dona Aida Midon pelo medo com que receava a minha queda do telhado quando me dispunha a examinar as antenas de televisão.

Muito obrigado à Tia Nena pelos pitêus de Mococa. . .

Muito obrigado à Dona Marinete Arantes, pelas preces com que me recorda a inutilidade, embora o meu desejo de servi-la.

Muito obrigado à Dona Palmira do Lar Esperança, pelas oportunidades de trabalho que nos vem concedendo.

E Dia das Mães é também dos amigos que todos

temos mães queridas no coração.

Muito obrigado ao companheiro que trocou a camisa comigo, a meu pedido, até que estaquei no tronco da retirada sem saber se estava de camisa em cor de rosa ou em azul. . .

Muito obrigado ao Lula, que, por vezes, retira flores de outros recantos das moradias de pedra, como lembrança, para me oferecer à memória, no pedacinho de chão casabranquense em que ficou minha roupa em desuso. . .

E agora, querida Barata, pra você os agradecimentos do seu filho que é ainda o seu menino tão pobre de tudo e que você sempre considerará um gênio incomum.

Muito obrigado por tudo o que você me proporcionou em sustento e reconforto, pelas ordens de chegar cedo em casa, pelas palavras firmes em que me defendia da gula, quando os meus olhos pareciam maiores do que a barriga. . .

Muito obrigado pela escolha dos amigos que você conhecia como ninguém para que eu crescesse estudando e aprendendo a trabalhar. . .

Muito obrigado pelos petelecos, quando o meu temperamento queria deslanchar para o pior. . .

Muito obrigado pelos livros de escola, pelos cadernos, pelas merendas, pelos avisos às professoras para que apertassem a mão comigo, pela roupa lavada, como se eu diariamente devesse andar como um fidalgo, pelos cuidados com a preparação do leito em que dormia e por aqueles momentos de gripe e catarro escorrente, quando você vinha calçada apenas de meias, para inclinar-se sobre seu filho e saber se eu realmente estava dormindo e sem febre. . .

Tantos agradecimentos. Só de palavras, heim Mãe?

Mas por dentro de mim há um coração batendo com seu nome.

É seu, sempre seu, porque nesse apartamento, você é a proprietária que orienta e comanda sempre.

Queria escrever muito, mas não posso continuar.

Estou observando a nossa querida Selma. Tenho feito o possível para aliviá-la e confio em Deus para que a vejamos fortalecida, enfrentando os caminhos de formação estudantil.

A parada não é moleza.

Ficar fora de nossa casa para mim era o mesmo que ficar desabrigado.

Esperemos.

Receba, com o querido Papai Lauro, com a Lu, minha correspondente mais assídua e com todos de casa, um beijo de saudade e esperança, carinho e muito amor do seu filho, sempre seu filho de todos os pensamentos,

Laurinho

IDENTIFICAÇÕES

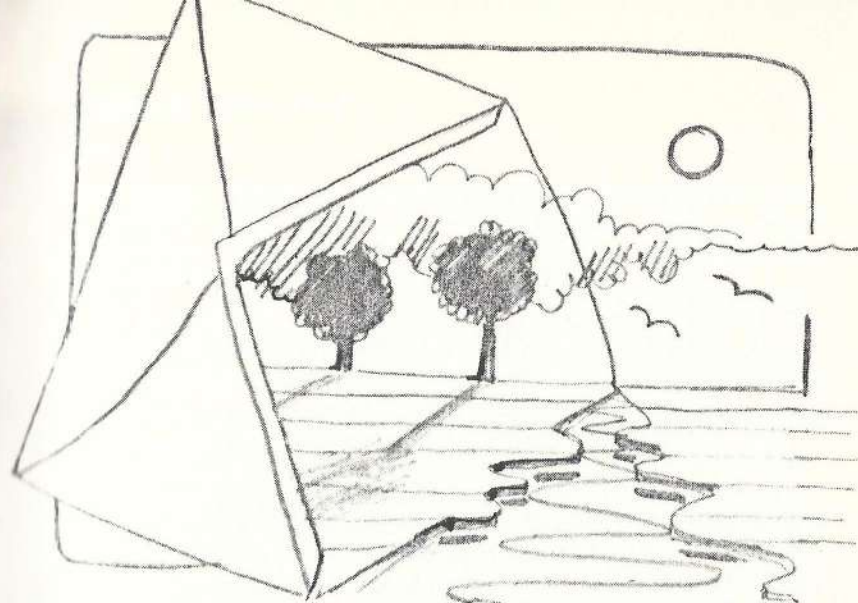
TIA MAURA

Casada com o Sr. Francisco Glauco Basile, irmão de Lauro, pai de Laurinho, residentes em Casa Branca.

AIDA MIDON

Nossa vizinha a quem Laurinho prestou pequenos serviços desde pequeno, principalmente se relacionando com a parte elétrica. Senhora do Prof. Midon, já citado anteriormente.

DONA PALMIRA Palmira Marchi, a *mãe* como é chamada por todos que a conhecem. Abnegada fundadora do Lar Esperança, que hoje conta com centenas de crianças. Esposa do Sr. Atílio Figueiredo. Tratam as crianças com muito amor e já contam com mais de 300 *netos*, filhos de suas protegidas.



22 – CARTA INESPERADA

Quando Laurinho transmitiu esta mensagem, através do nosso ímpar Chico Xavier, eu e minha família, estávamos em Casa Branca, em nossa casa. Foi na noite de 9 de junho de 1979.

Este esclarecimento explica a maneira pela qual Laurinho inicia a sua manifestação.

Posso garantir que foi uma surpresa muito grande e muito agradável receber, pelas mãos de outras pessoas, esta *carta* de nosso filho.

*

Meu prezados amigos de Uberaba e de outras cidades, neste encontro fraterno, peço a Deus nos abençoe.

Rogo-lhes um obséquio. Preciso falar aos companheiros de minha cidade de Casa Branca e, antecipadamente, agradeço a vez para a minha apagada voz de rapaz.